



MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL: A EXPERIÊNCIA DE UMA IDOSA NORDESTINA INSTITUCIONALIZADA EM ITUIUTABA

Nailton Souza Melo - UEMG

nailtonsmelo@gmail.com

Eixo VI: Ciências e Relações Étnico-raciais

Resumo

Na década de 50, iniciou um processo que viria a dar título a cidade de Ituiutaba-MG de “Capital do Arroz” marcado fortemente pela chegada de imigrantes nordestinos para o trabalho nas lavouras desse grão. Se instalava naquele momento um curioso marketing de aliciamento de mão-de-obra barata e abundante para a crescente produção e tão logo, notícias de elevação no giro de capital e oferta de trabalho foram propagadas pelo rádio e no diálogo popular afim de exibir Ituiutaba como a terra das oportunidades. Trata-se de um estudo de caso que apresenta a realidade de uma idosa que abandonou a própria família e seguiu em companhia de seu marido para o Pontal do Triângulo movidos por verbalizações que diziam “em Ituiutaba está achando dinheiro no lixo”. Esta pesquisa ainda se apoia em Silveira e Souza (2012) e Souza et al. (2012) principalmente no que concerne à realidade ituiutabana da década de 50, em que, o Nordestino se estabelecia na zona rural e logo buscavam a cidade em busca de tentar a sorte pela sobrevivência. Partindo da descoberta da existência de uma senhora de 100 anos de idade, nordestina, reflexo do período do “El Dourado do Pontal” foi feito um levantamento bibliográfico e posteriormente, convivendo na instituição asilar que a mesma habita atualmente, a entrevistamos em busca de gerar conhecimentos sobre a questão da imigração nordestina nessa cidade. A imigração nordestina é reflexo principalmente do sonho de qualquer ser humano de realizar-se e ter acesso a melhores qualidades de vida e por vezes feita sob despreparo e condições de exploração estigmatizam o indivíduo a ponto de roubar-lhe a esperança e a própria liberdade. Portanto é de grande relevância que a sociedade valorize a cultura nordestina e a importância desse povo que com grande esforço construiu uma parte da história de Ituiutaba.

Palavras-chave: Idosa. Nordestina. Migração.

Introdução



A década de 50 foi o início de uma grande movimentação de imigrantes nordestinos para o Pontal do Triângulo, em especial do estado de Alagoas em direção à cidade de Ituiutaba para dentro do contexto do cultivo de grãos, majoritariamente o arroz, grão ao qual trouxe status e grande movimentação de capital para a região como um todo. Imigrantes do Rio Grande do Norte e da Paraíba somam um grande contingente de indivíduos que ingressaram na vinda para a cidade em busca de melhores qualidades de vida e atraídos pelas notícias produzidas em torno da alta empregabilidade que tomava o contexto da época (SOUZA et al., 2012).

Um contingente de nordestinos abandonaram suas realidades, família, amigos e até sua liberdade fugindo da seca, da pobreza, da baixa empregabilidade e iludidos pelas promessas de melhores qualidade de vida (MARINELLI, 2007) na “Capital do Arroz” (KREUTZ, 1999, apud SILVEIRA & SOUZA, 2012). Esse grande contingente de trabalhadores faz despertar a perversidade de indivíduos que diante a possibilidade de altos lucros, passam a organizar um grande conjunto de mecanismos para atrair pessoas para a região em busca de criar grande rol de mão-de-obra explorável (SECRETO, 2007, apud, FERREIRA, 2010).

Silva (2008) aponta para a conveniência da migração nordestina para regiões do Sudeste, podendo ser um grande efeito de ações capitalistas para a manutenção e multiplicação desse capital sustentado em meios fáceis de arrecadação de mão de obra.

Muitos nordestinos não planejaram sua migração (MARINELLI, 2007) e se submeteram às condições que lhes foram disponibilizadas com o intuito de conseguir construir algo, mas o que se via, era uma população despreparada, analfabeta e fácil de ser enganada e em muitos casos foram, pois acabaram submetidas em trabalhos semiescravos em que o baixo salário e a péssima qualidade do trabalho ofertado predominaram. Se não bastassem a baixa qualidade de vida disponível, se associavam questões ligadas à produção de “classificações, distinções, representações, estigmas e identificações do nordestino nessas novas regiões.

Assim, o Brasil dos processos de imigração revela um país de territorialidade do homem quanto identidade e portador dela, em que a compartimentação, seleção e identificação do indivíduo revela o desejo da categorização, a qual pode revelar-se penosa para as relações sociais, tanto privilegiando uns, quanto inibindo a liberdade de outros (GOETTERT & MONDARDO, 2010).



Seguindo fatores supracitados essa pesquisa se justifica no que compete a ir a campo afim de realizar um estudo de caso sobre a *Migração Interna no Brasil* sob a perspectiva de uma idosa nordestina institucionalizada que abandonou sua família e veio a se estabelecer em Ituiutaba-MG acreditando estar indo de encontro a uma melhor qualidade de vida e possível enriquecimento. Foi possível ainda investigar motivos pelos quais ocorrem processos migratórios dentro do país, principalmente no que compete a movimentos do Nordeste para o Sudeste e perspectivas e paradigmas da institucionalização do idoso, ou seja, a instituição sendo controversa quanto a sua importância e consequências na vida do idoso e sociedade – retira o idoso do meio social e não é possível bani-la, pois não teria onde ou quem cuidasse dos idosos.

A pesquisa se inicia em bases de dados como o GOOGLE ACADÊMICO, SCIELO e Banco de dados de dissertação e teses on-line, buscando conhecer o estado da arte do tema proposto (*Migração Interna no Brasil: perspectivas e desapontamentos de uma idosa nordestina institucionalizada em Ituiutaba*). A apreensão de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada através de diálogo pessoal informal, gravada em áudio e anotada mediante apontamentos da mesma sobre sua atual realidade institucionalizada.

Migração

As migrações ao longo da história humana refletem a busca de identificação e satisfação frente aos anseios do homem, o qual desde seus primórdios se vale desse ato em benefício próprio e em nome de seu grupo pela sobrevivência e acesso a condições de vida. Com o avançar dos tempos e o advento do capitalismo, a migração assume nova face, porém sem perder sua mais tenra característica, ou seja, o homem ainda busca pela sobrevivência, tanto própria quanto de seu grupo, por vezes sua família (GHIZZO & ROCHA, 2008, apud FONSECA & SANTOS, 2011). A migração portanto assume faces combinadas à busca por emprego, moradia, acesso a alimentação, remuneração e tranquilidade. É bastante pertinente apontar que mediante a migração não se pode abrir mão da possibilidade do fracasso. Por vezes a migração responde a forma com que o indivíduo se relaciona com o lugar que vive e o que almeja, ou seja, o significado atribuído ao local que deseja viver levando em consideração o que é dito a respeito (BECKER, 2006, apud, FONSECA & SANTOS, 2011).



Migração Interna no Brasil e seu impacto na identidade do sujeito

O Brasil é um país fortemente marcado por processos internos de migração em especialmente do Norte e Nordeste do país em busca de melhores condições de vida em regiões mais povoadas, primeiramente em nível de êxodo rural, logo em êxodo de regiões menos habitadas para as cidades grandes e capitais e por último para outras regiões do país, principalmente para o Sudeste e Sul (ALBERTI, 2006, apud, FERREIRA, 2010). Souza (1972, apud, GOETTERT; MONDARDO, 2010) aponta para o processo de migração interna e a chegada de imigrantes ao país como um processo de recomposição da mão de obra necessária em substituição a processos escravocratas a qual ele intitula como uma espécie de exercido de reserva da escravidão. O que se pode ser visto em torno disso é o quanto é fácil e manipulável esse contingente de pessoas disponíveis para o trabalho, sendo que estes podem ser submetidos ao contexto que o empregador desejar.

A migração no Brasil tem revelado processos de classificação, distinções, representações, estigmas e identificações. Ou seja, fala-se em produção e reidealização positiva e negativa da identidade do migrante, onde questões sociais, econômicas e políticas podem ser ressaltadas, pormenorizadas e pejorativizado. É como se houvesse uma reedição identitária do migrante, que por vezes marcam territorialidade, acesso a mercado de trabalho, status e outras simbologias relevantes ao indivíduo quanto ser social, o que pode beneficiá-lo ou atrapalhá-lo diante das relações e áreas de atuação na sociedade (ALBURQUERQUE JR., 2007, apud, GOETTERT; MONDARDO, 2010)

A Migração Nordestina

O imigrante nordestino torna-se mais numeroso em meados de 1930 devido a fuga da seca ou motivados pela possibilidade de uma melhor qualidade de vida, melhores empregos, melhores moradias, acesso a melhores salários. Geralmente o maior número de nordestinos no processo de migração seriam advindos da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe e Paraíba (BOSCO & JORDÃO NETO, 1997, apud, MARINELLI, 2007). Os Nordestinos geralmente possuíam baixa ou nenhuma escolaridade devido ao fato de serem de maioria advindos de regiões rurais de baixíssima possibilidade de acesso à algum tipo de unidade de ensino básico. A migração mais maciça foi para regiões mais bem desenvolvidas



industrialmente, ou seja, frequentemente essa população se destinava ao trabalho no interior paulista, principalmente na lavoura, logo, também passou a ser frequente a chegada de Nordestinos a regiões metropolitanas de São Paulo e demais regiões do Sudeste.

Segundo dados do IBGE em 1950 (SILVEIRA & SOUZA, 2012) aponta para um Nordeste em 1950 de 70% de sua população acima dos 10 anos analfabeta e o Sudeste nesse mesmo período com 45% de analfabetos.

Geralmente a migração acontece num contexto de despreparo (MARINELLI, 2007), onde o desejo por mudanças pode induzir o indivíduo à tomadas de decisões de maneira rápida e impensada sob a necessidade de aproveitar a possibilidade de tentar a vida, ou seja, na maioria dos casos convites e disposição de meios de transporte de associam. É comum ainda que o primeiro a tomar como decisão para a migração seja o filho mais velho e mesmo sem consentimento da família foi se tornando hábito natural acompanhado da esperança da mudança de vida e possibilidade de auxílio à família.

A Migração no Pontal do Triângulo

A região do Pontal do Triângulo Mineiro desde a década de 1950 vem se configurando como um importante destino para o nordestino que deseja melhores qualidades de vida, principalmente se retornarmos ao que ocorria nesse período, ou seja, havia na região uma ascensão no que concerne a produção e beneficiamento de grãos. Ituiutaba se tornara uma potência quanto a produção de arroz na metade do século XX assim como as indústrias que movimentavam tal atividade. Fala-se em um movimento de grande desenvolvimento econômico e social para a cidade (SOUZA et al., 2012).

A cidade então caiu sobre o desejo de se estabelecer um plano urbanístico que contava com ampliação do serviço de abastecimento de água, iluminação, construção de prédios públicos, pavimentação e arborização, ou seja, a cidade se modificava para receber essa população beneficiando mecanismos básicos para uma cidade que se expandia em número de habitantes (SOUZA et al., 2012).

A propaganda feita tanto pelos meios midiáticos quanto pelo diálogo popular davam conta de uma cidade em plena ascensão e segundo Souza et al. 2012 ao que era difundido na



época, “o novo el dourado”. Nesse contexto, o desejo pela mão de obra revela um trabalho intenso na mobilização de mão de obra para o trabalho nas lavouras da região.

O analfabetismo em Ituiutaba nesse período era de 57 %, 2 pontos acima da média nacional, entretanto a maior parcela dos imigrantes nordestinos na cidade eram analfabetos. Levando em consideração que no Nordeste a taxa de analfabetismo entre as mulheres eram cerca de 30% superior aos homens, conclui-se que a mulher imigrante nordestina tende a ser maior número de analfabetas mediante ao grupo masculino (SILVEIRA & SOUZA, 2012)

O trabalho desprendido na época era de grande desgaste físico (SILVA et al., 1997, apud SOUZA et al., 2012) e logo que esse trabalho se esgotou devido a baixa na produção do arroz, esses trabalhadores tiveram que se realocar no mercado de trabalho. O que se observa nesse período é o agravamento da pobreza e aumento de um grupo marginalizado pela ordem capitalista que recaiu sobre a cidade.

O Idoso e o Processo que o leva à Institucionalização

Este tópico se faz relevante no que tange a abarcar o fato de que esse estudo de caso é feito sobre uma senhora em estado de institucionalização e apresenta grande descontentamento pelo fato de não possuir maneira de se ausentar daquele recinto.

Com o avançar da idade é comum que os indivíduos sejam vencidos por algum tipo de limitação, principalmente física, o que vai obrigar esse idoso à dependência de outro indivíduo. O envelhecimento é gradativo e lento com deficitária manutenção da qualidade biológica, psíquica e social. O indivíduo experimenta perda na qualidade da realização de atividades, afastamento de suas funções sociais (geralmente agravado pela aposentadoria) (OLIVEIRA, 2006). O cuidado desprendido para o idoso geralmente é provido pela família do idoso e geralmente é por motivos ligados à gratidão e retribuição do cuidado recebido (Aiendez, 1994, apud, TIER; FONTANA; SOARES, 2004). Devido a dependência, possível falta de quem a ele desprenda cuidado, o idoso em alguns casos acaba sendo internado em instituições asilares e casas de repouso (FREITAS et al., 2002, apud TIER; FONTANA; SOARES, 2004).

Martins (1980, apud, OLIVEIRA, 2006) aborda a marginalidade que paira sobre o idoso por parte das gerações mais novas, por vezes retirando-o do meio social. O idoso assume um papel de exclusão, solidão e recolhimento, o qual culminam em sua internação, mesmo que



contra a própria vontade. Bauman (2001, apud, MELO, 2013) nos traz ainda que a vida na atualidade assume um caráter instantâneo que tem como maior consequência o fato de tornar as relações descartáveis e sem valor efetivo. O estatuto do Idoso e o Código Civil de 2002 se fazem como quem irá garantir que o idoso tenha acesso ao cuidado que lhe é cabível.

Experiência Migratória de uma Idosa Ituiutabana de 100 anos

Por volta da década de 1950 com a expansão da produção do arroz em Ituiutaba muitos nordestinos se dirigiram rumo ao Pontal do Triângulo Mineiro em busca de melhores condições de vida para si e para suas famílias (SOUZA et al., 2012), assim como Angelita ¹, que veio nesse período em companhia de seu marido perplexos com a verbalização de populares da cidade de Campina Grande na Paraíba:

[...] Fui acompanhar cabeça de homem, tinha que acompanhar meu marido
[...] Lá no Norte faltava ganho, daí disseram que aqui em Minas tava bom demais para ganhar dinheiro, que achava dinheiro no lixo (se exaltando ao falar) panhava dinheiro com a mão, ele ficou doido. [...] Daí nois veio.

A viagem de Campina Grande até “oo novo el dourado” (SOUZA et al., 2012) foi longa e cheia de desafios revelando a possibilidade de terem sido enganados:

[...] Agora em dezembro eu vou fazer 100 anos. [...] Eu vim de pau-de-arara
[...] nois passou uns 14 dias na estrada, os homi dormia dentro do mato, pras muié durmi dentro do caminhão. Não tinha onde dormir. Os homi que traziam rede, armavam nas arvores as redes e as muié ficavam dentro do caminhão.
[...] Passava fome demais, por que dentro do caminhão não tinha comida e quando passava assim, num boteco, o carro parava e o povo ia pedir. Eles davam umas bananas véia passada, mas a gente comia assim mesmo.

A chegada em Ituiutaba revelou a Angelita novas necessidades às quais não esperava encontrar, tendo que se submeter aos mais variados tipos de trabalho braçal de grande desgaste físico (SILVA et al., 1997, apud SOUZA et al., 2012)

¹ Nome fictício criado para proteger a identidade da entrevistada.



[...] Lá no Nordeste eu não trabalhava, daí o jeito que teve foi eu cair no trabalho, na enxada[...] Fui trabalhar de bóia-fria [...] panhar algodão, limpar arroz, capinar algodão, capinar cana, tudo eu fazia [...].

A vinda para Ituiutaba se tornou conturbada pelo fato de que não desejava vir e a realidade encontrada para além do trajeto foi desanimadora, porém como havia se casado a pouco tempo, não desejava abandonar seu marido, assim como costuma ser papel da mulher entre culturas mais conservadoras de que a mulher devia seguir seu marido onde ele fosse e por isso acabou sofrendo grave golpe da falta de emprego e exploração que também aparece em Souza (1972, apud, GOETTERT; MONDARDO, 2010) em que é relatada a mão de obra excessiva e de sobra:

Lá no Norte, eu vivia bem, com minha família, meu marido, em Campina Grande, João Pessoa, esses lugares grandes. Meu marido trabalhava no corte de cana. Eu passava até bem, mas vir pra Minas, me zangou tudo. [...] passou não sei quantos meses sem ganhar um tostão. [...] eu fui criada por gente que pode, que tinha recurso, eu não trabalhava não. [...] Eu era casada, tinha que acompanhar marido.[...] Eu pedia nos açougue pra poder comer. Aqui em “Tuitaba” meu marido não arrumava dinheiro de jeito nenhum, nem um centavo [...].

A realidade a que foi exposta aqui e o fato de ser analfabeta assim como um grande número de nordestinos que se dirigiam a essa região (SILVEIRA & SOUZA, 2012) e pouco conhecer a cidade e a falta de referências quanto a seu local de origem a impossibilitaram de buscar sua família, mesmo que fosse através de cartas, cujo meio foi utilizado com a ajuda de uma amiga, porém, jamais recebeu qualquer notícia, sinalizando ainda para um contexto melancólico criado pela impossibilidade em não possuir familiares e por nem saber notícias deles (MARTINS, 1980, apud, OLIVEIRA, 2006)

[...] Minha família depois que eu cheguei aqui em Minas eles nunca mais me viu, nem deu notícia, nem eu dei. Aliás, que quando o meu marido morreu, eu escrevi pra lá, mas nem notícia não veio. [...]

Sentimentos de abandono e falta de referência tomam mais contraste nas verbalizações de Angelita ao recordar a perda do marido e filhos



Eu não conheço a minha família, a minha família é do Norte (Nordeste). [...] vim sozinha com meu marido. [...] Vai fazer 18 anos que ele morreu. [...] Os filhos eu tive no norte, [...] Deus levou com 8 dias. Morreu os dois, eu era muito nova e eles deu sarampo e eu não sabia, aí eu banhei eles na água fria e o sarampo recolheu. [...] Daí morreu os dois, era um casalzinho. A menina tinha 5 anos e o menino tinha 3[...].

A instituição completa os sentimentos de solidão e abandono que recaem sobre Angelita em que a mesma ressalta ao ser questionada sobre visita de familiares ou amigos e ainda questiona o fato de ainda se sentir bem fisicamente e não poder voltar pra casa por conta da idade avançada revelando. A idosa aponta ainda a falta de qualquer referência dentro da cidade (Santiso, 1983, p. 26, apud, Oliveira, 2006):

[...] Eu quebrei a bacia [...] uma mulher me ajudava [...] ô mulher boa [...] ela ficou doente, não pode mais cuidar de mim [...]. Daí eu vim pra cá, não foi por meu gosto, vim contrariada. [...] Ninguém sabe que eu estou aqui. [...] Fiquei sozinha e Deus. Eu sinto falta demais. Na rua onde eu morava, meus vizinhos, eles vinham aqui, depois me abandonou, nunca mais veio aqui. Vai fazer um ano e seis meses que eu cheguei aqui. [...] Morava sozinha, [...] lavava minha roupa, fazia meu cumê, limpava minha casa, então a lei não aceitou eu ficar sozinha mais. (quanto aos riscos corridos sozinha) Corria, [...] com esses malandros na rua, era perigoso entrar na minha casa, [...] eu fiquei com medo, [...] de noite quando a gente tá dormindo, ninguém vê [...] aí eu fiquei com medo, daí eu fiquei com medo. [...] Eu entrei aqui, eu chorava dia e noite. [...]

Angelita ainda lastima o fato da Instituição ser aquela quem a retira da única coisa que lhe restou de uma vida de trabalho e exploração, ou seja, a principal característica da instituição é exposta, a instituição quanto controversa, ao mesmo que indispensável por prover teto e cuidado ao idoso, aquela que privará o idoso da vida fora daquele ambiente (BRITO; RAMOS, 1996, apud, DAVIM et. al, 2004).

[...] Queria minha casa, trabalhei demais para conseguir minha casa, prestação. Quando eu quis trocar o chão eu trabalhei dia e noite, empreguei ali no 'instituição de caridade' [...] Daí eu fiquei doente [...] não tive jeito de aposentar, [...] passava fome para poder fazer esse chão. [...] Trabalhei demais, ganhava uma miséria, não dava pra comprar nada [...] até achava emprego, mas era muito sofrido, não valia a pena, mas eu tinha que comer [...]



A idosa atualmente vivendo na instituição possui recorrentes comportamentos de isolamento, olhar carregado de melancolia e verbalizações sempre voltadas a saudades da família que deixara em Campina Grande na Paraíba. A idosa revela estar institucionalizada a seis anos na mesma instituição, já tendo sido remanejada de outra por conta de interdição da antiga instituição onde vivia. Julga ter tido uma vida difícil e que a decisão em vir para Ituiutaba, a exploração e a saudade da família acabou por contribuir para o que a mesma cita como “uma vida muito triste”.

Considerações Finais

Tendo em vista a importância da migração nordestina para a construção da identidade da cidade de Ituiutaba e não apenas dela, como São Paulo, Rio de Janeiro e muitas outras, considero ser de grande importância conceber o cidadão nordestino em todos os graus de proximidade com seu passado como ilustre coautor do Brasil de hoje. Aquele que em diversos momentos assumiu com o marca de seu suor o compromisso do trabalho por mais sofrido que fosse. O cidadão descendente ou genuinamente nordestino por vezes tem sofrido com preconceitos e imposições de condições desumanizantes advindas de processos de categorizações que conferem ao mesmo estigmas quanto ao status atribuído, portanto, é de extrema necessidade que rotulações pejorativas e inferiorizantes sejam problematizadas e seja exaltada a importância do nordestino para a constituição desse país de enormes desigualdades sociais. Para dentro do contexto da institucionalização do idoso é importante olhar para além de sua aparência física, atribuindo aos mesmos a liberdade e a capacidade de estarem participando do meio social como lhes é de direito, ou seja, é de extrema importância reavaliar o funcionamento das instituições de longa permanência em detrimento de criar condições do transpassar em seu cuidado, os muros da instituição.

Referências

REYMÃO, Ana Elizabeth; ABE SABER, Bruno. Acesso à água tratada e insuficiência de renda. Duas dimensões do problema da pobreza no Nordeste brasileiro sob a óptica dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. **Revibec: revista de la Red Iberoamericana de Economía Ecológica**, v. 12, p. 001-15, 2009.



MARINELLI, Edson Bastos. A saga do migrante nordestino em São Paulo. **Revista Educação-UnG**, v. 2, n. 1, p. 03-17, 2007.

SILVA, Uvanderson Vitor da. **Velhos caminhos, novos destinos: migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **Memória Dividida: Historiografia da Migração de Nordestinos e Narrativas Oraís de Migrantes Nordestinos para o Médio Mearim, Maranhão**. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: UFF.

MATOS, Ralfo Edmundo S. Alguns aspectos sobre a importância das migrações internas no sudeste: uma questão histórica não resolvida. **VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, p. 319-340, 1992.

GOETTERT, Jones Dari; MONDARDO, Marcos Leandro. O “Brasil migrante”: Gentes, lugares e transterritorialidades. **GEographia**, v. 11, n. 21, p. 101-136, 2010.

TIER, Cenir Gonçalves; FONTANA, Rosane Teresinha; SOARES, Narciso Vieira. **Refletindo sobre idosos institucionalizados**. Ver. Bras. Enferm, v. 57, n. 3, p. 332-5, 2004.

OLIVEIRA, Rosângela Souza. O significado de estar asilado para o idoso. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10251>> Acesso em: 30/08/2016.
MELO, Francisco Camilo de Amorim. Da institucionalização à interdição de idosos incapazes. **Revista Direito & Dialogicidade**. v. 4, n. 1, 2013.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa et al. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 518-524, 2004.